

OMBRO, ARMA! OU A ESTRATÉGIA DE UM PERCURSO

MARIA ISABEL REGO MOREIRA
(Universidade do Porto)

INTRODUÇÃO

Ombro, Arma! de José Manuel Mendes¹ (1ª ed. 1978, 2ª ed. 1986) apresenta-se como uma refundição de uma novela em romance, transição que se efectuou, na opinião de Urbano Tavares Rodrigues, “equilibradamente sem enchumacos, antes num harmónico desenvolvimento de personagens, de diálogos, das sequências diegéticas mais interessantes e mais ricas, com um esplêndido humor e com aquele toque de poesia”² que José Manuel Mendes incute em todos os seus escritos.

Esta obra, segundo uma entrevista concedida pelo autor a Orlando Raimundo, seria a primeira de uma trilogia (iniciada com **Ombro, Arma!**, num cenário-pretúdio da guerra colonial), seguida por um segundo volume que abordaria as aventuras e desventuras ocorridas na frente de combate e, finalmente, de uma terceira obra que relataria, nas palavras do próprio autor, “a confrontação dos que regressaram com o desemprego, a injustiça social, o desconcerto efectivo de um país que não tinha nada para lhes dar”³.

Mais tarde, depois do 25 de Abril, José Manuel Mendes⁴ abandonou este projecto, quedando-se com o 1º volume da trilogia ambicionada e com os cinco

¹ Chama-se a atenção para o facto de neste trabalho se utilizar a paginação incorporada no próprio texto. A obra que serviu de base à presente monografia é a 2ª edição das Publicações Europa-América do ano de 1986.

² Cf. Urbano Tavares Rodrigues, “Sobre *Ombro, Arma!*” in *Colóquio Letras*, nº 101, Janeiro-Fevereiro, 1988, p. 121.

³ Cf. Entrevista de José Manuel Mendes a Orlando Raimundo, “Literatura Antimilitarista Conquista Leitor em Portugal” in *Diário Popular*, 31 de Outubro de 1986.

⁴ Importa chamar a atenção para as distintas facetas de José Manuel Mendes como romancista, poeta, crítico e militante empenhado, uma vez que todas e cada uma delas contribuíram para a construção do homem individual.

primeiros capítulos do 2º volume que, posteriormente, integraria na 2ª edição (1986) de **Ombro, Arma!**. Se se atender ao facto de esta obra ter sido escrita, aquando da sua primeira realização literária no ano de 1973, e, posteriormente, trabalhada e aprofundada em 1977 e 1984, poder-se-á concluir que “as condições institucionais da escrita depois do 25 de Abril colocam aos escritores problemas que não são estruturalmente muito diversos dos que se viviam antes, mas são sentidos (e ressentidos) com acrescida agudeza”⁵.

Ombro, Arma! é uma obra problematizante, na medida em que reflecte, de um modo bastante original e irónico, acerca de um determinado período da nação portuguesa - talvez dois/três anos antes da ocorrência do 25 de Abril - abalada, não só por uma longa ditadura como, igualmente, por um imenso desejo de libertação, espelhado pelo percurso sinuoso, simultaneamente, hesitante e firme, das personagens e das acções representadas na obra. Mafra, local de exílio e de solidão, estabelece determinadas relações com o país - Portugal sob a ditadura - que se caracterizam pelo binómio Interioridade/Exterioridade ou ainda Amor/Ódio. Amor ao futuro. Ódio ao presente. Dúvida quanto ao passado. Como é Portugal nos anos 70/73? Que sentimentos abalam o português de então? O aparelho do Exército, enquanto máquina trituradora de corpos e almas é posto em causa, fornecendo o autor, a breves, mas incisivas pinceladas, o cenário da guerra colonial portuguesa. O culto da transgressão e o espírito subversivo dão o tom a uma narrativa que se apresenta espantosamente coesa desde o início até à última página. Ecos de outras obras pertencentes tanto à literatura portuguesa como à literatura mundial circulam em **Ombro, Arma!**, reforçando esse carácter independente, imbuído de uma forte “corrente solidária”⁶ que caracteriza as personagens “libertadoras”, possuidoras de um leve odor a mar salgado e ideias que se abrem para o infinito. Esse percurso, traçado por Rogério e pelos restantes companheiros, tem como objectivo o sonho da transformação da sociedade, não só através da acção, mas também com a ajuda da força criadora da Arte, propiciadora de mentalidades fecundas e novas formas de encarar o mundo. Neste percurso, será, igualmente, indispensável a referência aos percursos do próprio autor, José Manuel Mendes, escritor, poeta, crítico e político, possuindo, na óptica de Manuel Alegre, “a coragem de continuar a ser um homem empenhado. Na vida e na escrita”⁷.

⁵ Cf. António Sousa Ribeiro, “Configurações do Campo Intelectual Português no Pós-25 de Abril: o Campo Literário” in **Portugal: Um Retrato Singular**, org. de Boaventura Sousa Santos, Porto, Edições Afrontamento, 1993, p. 500.

⁶ Cf. Isabel Pires de Lima, “*Ombro! Arma!* ou uma Corrente Solidária”, in **Letras e Letras**.

⁷ Cf. Manuel Alegre “Uma Poética do Amor” in **Letras e Letras**, nº 103, Ano VII, Dezembro de 1993, p. 9.

Nesta obra pensa-se Portugal. O que existe (anos 70), e o que existiu porquanto “talvez que a acalmia do presente convida a reflectir sobre o passado. A ser verdade, o sinal só pode ser encarado com optimismo. O passado, como diria um outro poeta, é bem capaz de ser só a soma e o resto da aritmética da existência”⁸. Contudo, segundo o nosso ponto de vista, pensa-se, de igual forma, o Portugal futuro, aquele que nasceria após a caminhada percorrida pelas personagens de **Ombro, Arma!**, seres de papel ávidos de confiança nas potencialidades dos seres humanos.

MAFRA - O ÓDIO E A SOLIDARIEDADE

Tentar enquadrar **Ombro, Arma!** sob qualquer classificação abrangente parece-nos redutor, em virtude da multiplicidade de vias que a análise desta obra despoleta no leitor. Deste modo, designações como “memórias de quartel”, “manifesto anti-militarista”, “libelo contra a guerra”, “memórias da caserna”, ou, ainda, “narrativa de espaço social”, afiguram-se-nos classificações importantes, mas, simultaneamente, insuficientes, tendo em conta o conjunto de situações apresentadas no decorrer da obra.

Contudo, Mafra é o centro da efabulação romanesca, “exílio abjecto” (p. 22), assemelhando-se a uma “colmeia de precária subsistência”, “fortim de exilados” (p. 86) onde os recrutas são iniciados na terrível arte de matar e não ser morto. Na opinião de Rui Gomes, **Ombro, Arma!** pretende “transmitir uma mensagem de denúncia do militarismo reaccionário, um debuxo realista com linhas fortes da vida quotidiana daquela caserna conventual, o amor e a amizade nos seus sentidos mais profundos, tudo isto ligado a uma sátira assaz mordaz”⁹. Atente-se a palavras e expressões como “denúncia”, “vida quotidiana”, “amor” e “amizade”. A denúncia do exército, como instituição de poder e do poder absoluto, percorre quase todas as páginas de **Ombro, Arma!** Contudo, a restituição dessa vivência experimentada por um conjunto de personagens não se apresenta, apenas, como um fenómeno histórico, observado à distância, mas propõe-se, isso sim, “julgar, com o registo afectivo, a subjectividade do testemunhou”¹⁰. Deste modo, a evocação e denúncia da recruta, em Mafra, apresenta-se “como uma memória atravessada de sensações individuais que

⁸ Cf. Entrevista de Jose Manuel Mendes a Orlando Raimundo “Literatura Antimilitarista Conquista Leitor em Portugal” in **Diário Popular**, 31 de Outubro de 1986, p. 23.

⁹ Cf. Rui V. Gomes, “Dois Livros Portugueses em Destaque” in **Tempo**, 9 de Outubro de 1986.

¹⁰ Cf. Maria Graciete Besse, “O Ritual Militar Enquanto Percurso de Iniciação em *Ombro, Arma!*” in **O Diário**, 18 de Fevereiro de 1989.

implicam, necessariamente, uma determinada visão do mundo, comum a vários membros da comunidade”¹¹. E é nessa mesma comunidade, mas também a propósito dela, que vão surgir reflexões, umas vezes breves, outras mais longas e com maior profundidade, acerca do “modus vivendi” naquele inferno concentracionário:

Tudo na tropa é decadência emplumada. Não se vê um oficial com alicerces culturais nem mediana inteligência. Burgueses frustrados ou filhos do povo corroídos pelo sistema pautam a vida pelas pequenas ambições pessoais, sem horizontes sem impulsos. Avaros defensores duma classe em crise, encontram o álibi da hierarquia e do legalismo para a brutalidade dos actos. No campo de batalha, como em Mafra ou em qualquer outro quartel. (p. 30)

Para Rogério e seus companheiros a tropa constituía um “embrutecimento calculado. Exacerbação do instinto. Máquina triturante”. Não existindo alternativa, Rogério com a sua “farda, larga, larga” (p. 19) e calçado com umas botas que, à semelhança da Instituição, feriam o seu corpo - e a sua alma - tornou-se “um feijão verde (...). Um mais entre centenas”. (p. 26) Constata-se que “vestir a farda era, naquele momento, entrar formalmente no sujo mundo da guerra”. (p. 26) Num espaço de poder, possuidor de uma retórica própria com determinados códigos de comportamento social, onde se respirava a frustração, a mediocridade e se experimentava a sensação de aprisionamento, os homens - do poder - comportavam-se segundo as normas impostas pela época. Os outros, os personagens “libertadores”, proporcionavam ar renovado ao inferno concentracionário de Mafra. A “vida quotidiana” da caserna é aproveitada, como exemplo claro, não só dessa falta de ar reinante, como, igualmente, de uma forma de estabelecer contacto com a realidade extra-quartel, tentando, simultaneamente, ilustrar a “corrente solidária” (p. 31), assim como a “franqueza e a esperança” (p. 91) que une os recrutas.

No que refere a Viegas, “fascista convicto, fura-greves, ditador, a tropa era a sua vaza, a possibilidade única, a curto prazo, de realizar um punhado de sonhos prepotentes. Comandar homens, sem a menor concessão, compensava-o da mediocridade de estudante: “Era, como se depreende, ignorado pelos colegas que o isolaram como um verme pegajoso” (p. 20). Ao longo de vários episódios, o quotidiano da caserna é apresentado numa dupla perspectiva: por um lado, a dos “chicos”, representantes do Estado Novo, farejando e ouvindo tudo o que fosse passível de reprovação e, pelo outro, a dos companheiros de Rogério, apostados numa mudança radical de mentalidades:

¹¹ Cf. *Idem, ibidem*.

Algum dia impediríamos o Exército, a sua hierarquia bolorenta e corrupta, de prolongar as campanhas de África e a ditadura? Quantos, antes de nós, se rebelaram? Qual o saldo dessa insubmissão? Certamente que, no imediato, não saberemos medi-lo. Sem ele contudo, sem o que agora conseguimos, não valerá a pena, sequer, o sonho de uma cidade livre no tempo da nossa vida. (p. 27)

Ombro, Arma! reflexiona acerca do esforço de uma dada geração que, num local onde o poder era a regra de ouro, conseguiu desvalorizar essa desumanização consumista de seres em nome “de princípios como a resistência, a liberdade”¹² e a fraternidade. De facto, e na opinião de Gregory MacNab, esta obra relata a “subversão da ordem representada pela organização da vida na caserna”¹³. Esta mesma ideia é corroborada por Urbano Tavares Rodrigues, quando define esta narrativa como um romance testemunho “de uma atitude de activa resistência ao autoritarismo e à estupidez”¹⁴. Rogério afirma: “Há que organizar a resistência. Insuspeitos, se possível, aos olhos da malta e dos oficiais, urge lançarmos no charco a primeira pedrada”. (p. 20) A resistência e a subversão são estados de alma que estruturam a obra em análise. A seguinte passagem de **Ombro, Arma!** afigura-se, pois, absolutamente paradigmática:

Tornava-se imperioso resistir, não ser essa carne ingénuo. Como lutar, porém, contra as engrenagens da força instituída, do pavor embutido nos comportamentos? Que podíamos nós, sitiados? ...os limites atabafantes, ajudar a crescer uma seara redentora e havia que forjar a unidade entre todos, promover o esclarecimento ideológico, a organização dos meios de intervenção. (p. 26)

Constata-se, pelo discurso apresentado, que em **Ombro, Arma!** só fortes sentimentos de unidade, entre-ajuda, organização e esclarecimento poderão transformar a “revolução lírica” num “revolucionarismo consequente” (p. 54). E, naquele momento, “modestas actividades de ruptura” (p. 26) fortaleciam a acção contra o que é denominado como os “tentáculos da hidra.” (p. 54). Consequentemente, as acções subversivas multiplicam-se ao longo da obra.

A já mencionada “risada pícara” ecoa na obra, em várias passagens, mas, de facto, aquando da revolta na Foz do Sisandro, o seu volume sobe de tom,

¹² Cf. Maria Graciete Besse, “O Ritual Militar Enquanto Percurso de Iniciação em *Ombro, Arma!*” in *O Diário*, 18 de Fevereiro de 1989.

¹³ Cf. Gregory MacNab, “Conscietização e Resistência em *Ombro, Arma!*” in *Seara Nova* nº 9, Dezembro 1986 - Janeiro 1987, p. 37. Esta ideia é, igualmente, defendida no artigo “*Ombro, Arma!* - Mafra e a Engrenagem” in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de 15 a 21 de Setembro 1986.

¹⁴ Cf. Urbano Tavares Rodrigues, “José Manuel Mendes: Um Poeta no Romance” in *Letras e Letras*, nº 103, Ano VII, Dezembro de 1993, p. 16.

transmitindo, de um modo sublime, tudo aquilo que o ser humano - um certo ser humano - é capaz de realizar para agradar ao poder instituído. No entanto, este mesmo poder vaticina que “um exército onde penetra a anarquia é um choldra” (p. 120); ou ainda a “manif” dos recrutas que desfilarão “completamente nus, diante do sentinela, agitando farrapos, toalhas de banho, latas de conserva ou cervejas.” (p. 136). A guerra não se estuda nem se ensina. Aprende-se, na carne, normalmente, numa qualquer emboscada traiçoeira e silenciosa que não respeita lições de “primarismo compendiado” (p. 20). Os testes de tiro, bem como a cerimónia de juramento de bandeira foram, igualmente, o cenário ideal, para, mais uma vez, Rogério e demais companheiros chamarem a atenção para a situação em que se vivia no país, demonstrando a “corrente solidária” que os unia frente ao poder tentacular da “hidra”. As sonoridades dos temas de Zeca Afonso perpassam **Ombro, Arma!** num desafio constante e numa afirmação de individualidade e confiança daqueles que, na obra, simbolizam uma determinada geração. De igual forma, assiste-se à actualização de uma breve passagem da obra **Os Lusíadas**, por um recruta que, de um modo irónico, berrou a plenos pulmões “As armas e os barões assinalados” num frenético ritmo yé-yé.

Todos estes episódios - a par de uma fuga constante às práticas diárias de exercício, enfrentamentos regulares na messe e nos locais de instrução, bem como o desejo de um ataque de asma e falsificação de receitas médicas para passeatas libertadoras - fazem de **Ombro, Arma!** um libelo anti-militarista

Mediante a ironia ou o que Urbano Tavares Rodrigues designa como uma “grande risada pícara”¹⁵ de contestação, o leitor vê-se confrontado com um romance que tenta delinear um percurso de aniquilação de determinados valores para tentar o estabelecimento dos instintos solidários - “não fora o estreitar da camaradagem e os laços de amizade, que faríamos de nós com os projectos agredidos dia a dia?” (p. 37) - que fortificam os espíritos dos recrutas, com o objectivo de os fazer resistir “à erosão da máquina odiosa de manutenção da guerra.” (p. 37). A solidariedade encontra-se num diálogo ocasional, numa troca de cigarros ou na felicidade de uma boleia inesperada. Na obra, o riso desarma o leitor, tornando-se, por vezes, o seu discurso quase hilariante. O humor mordaz ataca o leitor, apercebendo-se este, claramente, do “lodo” (p. 20), essa “droga anestésica” (p. 20) que se apodera do cérebro da maior parte das personagens-símbolo do Antigo Regime:

O material é sagrado. Quem, portanto, não souber tratar de uma G-3 como duma mulher (risos), portanto, não é bom militar. Os nossos cadetes devem pensar

¹⁵ Cf. Urbano Tavares Rodrigues, “Sobre *Ombro, Arma!*” in *Colóquio Letras*, nº 101, Janeiro-Fevereiro, 1988, p. 121.

sempre que, portanto, aqui na guerra, portanto, o material tá, digamos, acima de tudo. (p. 44-45)

De facto, variadas vezes, o humor e a sátira mordaz são atingidos através dos registos adoptados, que, oscilando entre o lirismo e a “gíria específica da tropa, numa linguagem vernácula, a que não falta a variante regionalista”, por vezes, “o termo brejeiro”¹⁶, desarmam o leitor, captando a sua atenção e fazendo-o aderir, quase inconscientemente, à beleza inerente ao texto.

Rogério, jovem progressista, é definido não só como detentor de um percurso individual, mas, também, como um homem que consegue organizar uma “teia de solidariedade” através da partilha, do diálogo, da troca de ideias e da comunicação de experiências individuais. A noção de “exterioridade”, de fuga, ou a obsessão de “escapar” parece ser a ambição de todos os que são apanhados por essa “teia de solidariedade”. Desse modo, Rogério desempenha o “papel de Chveik, cabriolando sobre a disciplina e a ordem” (p. 20) Recorde-se a obra do escritor checo Yaroslav Hasek, **O Bom Soldado Chveik e a sua Fortuna na Guerra Mundial** (1920-23), romance que condena o conflito bélico, onde o protagonista, com má vontade e má fé, é obrigado, devido às circunstâncias, a enganar os seus superiores militares, a fingir ser idiota, com o objectivo de resistir aos planos daqueles, isto apesar de possuir uma boa formação intelectual. As situações anteriormente referidas são adoptadas por Rogério e pelos restantes companheiros que, dessa maneira, tentam organizar a resistência no interior do próprio quartel.

Contudo, o jogo da hipertextualidade, dando credibilidade à noção de espírito eterno da obra literária defendida por Borges, é uma constante ao longo de **Ombro, Arma!**. Perpassam ecos de Eça de Queirós, Ricardo Reis, Maria Judite de Carvalho, José Gomes Ferreira, Italo Calvino, Richard Whright, Gabriel Garcia Márquez, Vitorio Gassman, Brueghel, Van Gogh ou, ainda, Fellini - provocando “bocejos, murmúrios, risadas, tipos abandonando antes do intervalo. É o preço de quase meio século, uma vida de marasmo e incultura.” (p. 63) -, referidos de passagem por personagens ou pelo narrador de José Manuel Mendes e que são a melhor prova de um “espírito criativo”¹⁷.

As leituras e as referências culturais de uma determinada geração não cessam com estes elementos. Por vezes, as origens são explicitamente proporcionadas ao leitor, como é o caso de um verso de uma canção de Patxi Andión “no hay salvación si no es con todos” ou, ainda, a *Ideologia Alemã* e o *Programa Comum* que sublinham a orientação marxista da resistência. São

¹⁶ Cf. Isabel Pires de Lima, “*Ombro, Arma!* ou uma Corrente Solidária”, in *Letras e Letras*.

¹⁷ Cf. Gregory MacNab, “Conscientização e Resistência em *Ombro, Arma!*” in *Seara Nova*, nº 9, Dezembro 1986 - Janeiro 1987, p. 38.

referidas, ainda, duas obras, importantíssimas pela ironia que demonstram, sobretudo, devido ao contexto em que são integradas:

É preciso levar o diálogo a cada momento da instrução. Desmascarar o belicismo. Dei o Cholókhov ao Rodrigues. Morreram pela Pátria. E nós? Com uma pátria usurpada pelos interesses imperialistas? Inaceitável prosseguir o holocausto por eles. A nossa guerra também é aqui. (p. 31)

Que pensará disso o capitão Reinaldo? Ontem, em Ribamar, dei com ele a ler **A Desobediência**, de Alberto Moravia. (p. 53)

A obra de Cholókhov sublinha, na opinião de Gregory MacNab, a grande ironia da actividade para a qual os cadetes estão sendo preparados em Mafra: “Ao morrerem em África, não estão a morrer pela sua pátria, mas por uma pátria aos outros roubada”¹⁸. Contudo, a problemática da guerra colonial, em **Ombro, Arma!**, será, posteriormente, desenvolvida. Quanto à outra obra, é no mínimo irónico que a **Desobediência** seja o livro dilecto do capitão Reinaldo, homem do poder e de poder, que se questiona acerca do sistema em que está inserido, companheiro solidário dos recrutas e crítico de um Estado que, no fundo, representa.

A subversão, um dos temas centrais de **Ombro, Arma!**, é o primeiro passo nesse percurso longo que Portugal terá de trilhar até atingir a liberdade. O que este romance nos proporciona é “um desvio na direcção do ciclo de preparação de cadetes sem que deixe de haver preparação”¹⁹. E isto porque Rogério e os seus companheiros não são os únicos resistentes em **Ombro, Arma!**. Paula, Clara, Luís (que é “o vento anda por toda a parte e sempre volta” p. 39), a mãe de Clara, ansiosa de liberdade e aventura, Domingos Costa - “terei de morrer sem que o fascismo caia?” (p. 79) -, Anastácia - “só a liberdade é sol que aquece” (p. 80) - ou ainda Rita, exemplo de solidariedade humana, são todos eles, e cada um à sua maneira, elementos da resistência, adoptando esta palavra diversos cambiantes: resistência amorosa, resistência passiva, resistência activa, resistência violenta, resistência prostituída ou, ainda, a resistência simbólica. Ao fim e ao cabo, resistência.

O próprio título do romance resulta, segundo as palavras de José Manuel Mendes, “da subversão de uma das figuras militares do código e da prática de

¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*.

¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*.

exercícios militares e pretende ser referência de um universo fechado, rígido, em que o homem é reduzido a uma peça da engrenagem e nada mais²⁰.

A engrenagem da máquina de Mafra em **Ombro, Arma!** é incompatível com a ideia de casa e de família, pontes para o mundo natural exterior à caserna. Como salienta Gregory MacNab, “é na sociedade humana, lá fora de Mafra, que estão as potencialidades do ser humano, porque aí as pessoas podem realizar-se como homens e mulheres sem serem limitadas e ficarem componentes de uma existência sem alma”²¹. Quando o recruta relembra a casa familiar “as saudades mordem” (p. 31), sentindo a ausência dessas asas libertadores que o compensam de um quotidiano macilento. A definição de carta, aquele espaço de tempo inocente, inscrito em **Ombro, Arma!**, afigura-se-nos clarificadora:

Uma carta é um rio. É um rio uma carta, viajeira da distância. As lembranças acodem, rumorejantes. Falam os amigos da vida que não pára. De projectos sóbrios ou complexos, que dão sentido ao tempo. (p. 84)

Mas as cartas não continham, apenas, notícias felizes ou sons familiares. A visão extremamente parcial do universo militar [Mafra], pode ser, igualmente, associada à visão global de um país onde chegam, através “de cartas de amigos, os ecos da guerra que são, essencialmente, os ecos da morte”²².

O FANTASMA DA GUERRA COLONIAL

Estas cartas, portadoras de más novas, dão conta aos recrutas de todos aqueles que morrem, apontando, desse modo, para o futuro previsível de Rogério e seus companheiros. Esses farrapos de tempo, que o próprio tempo acabará por destruir, relatam as experiências de sofrimento, loucura, esperança adiada e temor que acabam por unir, mais cedo ou mais tarde, esses portugueses, que, por sua vez, combatem os *outros*, (os sem pátria), numa teia de solidariedade:

²⁰ Cf. Entrevista de José Manuel Mendes a Orlando Raimundo “Literatura Antimilitarista Conquista Leitor em Portugal” in **Diário Popular**, 31 de Outubro de 1986, p. 23.

²¹ Cf. Gregory MacNab, “Consciencialização e Resistência em *Ombro, Arma!*” in **Seara Nova**, nº 9, Dezembro 1986 - Janeiro 1987, p. 37.

²² Cf. Maria Graciete Besse, “O Ritual Militar Enquanto Percurso de Iniciação em *Ombro, Arma!*” in **O Diário**, 18 de Fevereiro de 1989.

Muita malta lerpa, estupidamente, por irresponsabilidade de quem comanda e apenas visa encher os alforges num ápice. As campanhas de África tornaram-se um negócio chorudo para meia dúzia. (p. 97)

O panorama realista, vivo e sangrento da guerra colonial é, igualmente, apresentado, através das cartas enviadas pelos portugueses em missão²³:

Do quotidiano sujo das sanzalas, dos actos de tortura sobre populações indefesas, das rajadas intermináveis, das expectativas demolidas à granada, de mistura com revoltas e aflições sem medida, duma Berliet juncada de cadáveres expedidos para longe, simples números frios em busca de cemitérios recobertos de malvas, mármore, rasas campas onde lágrimas em fio se debulham e cedo secam. (p. 103)

A guerra colonial é encarada em **Ombro, Arma!** como uma forma de tirania colonialista com as suas comissões de serviço “agenciadoras de airosas vivendas no Restelo” (p. 133), com o seu cortejo de torturas e de exploração.

A outra face da guerra, aquela que o soldado, sozinho, experimenta na frente de combate, é fruto de uma reflexão - baseada nas características inerentes ao género epistolar -, presente na obra em análise:

Não tenho vergonha de confessar que caguei nas calças, quando, pela primeira vez numa investida, me apercebi que já não brincava aos “cowboys” na Tapada de Mafra. (p. 103)

Este “fantasma pretérito”²⁴ marcou, segundo as palavras do próprio autor, como nenhuma outra realidade, a sua geração²⁵. Como o autor deixa bem vincado: “Nunca me demiti do meu tempo, dos meus diversos tempos. Ora, o que parece ser muito interessante em **Ombro, Arma!** é a presença não só do tempo vivido por uma geração marcada pela guerra como também a inclusão da tentativa de justificação dessa mesma guerra por parte do Estado Novo. Na cerimónia do Juramento de Bandeira, episódio que precedia o envio da “carne avulsa com que o colonialismo jogava” (p. 26), está bem patente a explicitação de todo um conjunto de mitos e considerações acerca do “ser português”:

²³ Este recurso ao relato dos acontecimentos através de uma forma indirecta pode radicar no facto de José Manuel Mendes nunca ter estado presente na frente de combate.

²⁴ Cf. Isabel Pires de Lima, “*Ombro, Arma!* ou uma Corrente Solidária”, in **Letras e Letras**. Este fantasma ainda paira sobre a sociedade portuguesa que continua a adoptar uma postura de silêncio em relação à Guerra Colonial.

²⁵ Cf. Entrevista de José Manuel Mendes a Rosa Maria Oliveira, in **Letras e Letras**, nº 103, Ano VII, Dezembro de 1993, p. 34.

A vocação pluricontinental dos Portugueses, a integridade sagrada do solo pátrio. Vamos defender sociedades multirrácicas à sombra da flâmula das quinas. O soldado luso é um herdeiro das caravelas de Vasco da Gama, das gloriosas campanhas de outrora no acaso das sete partidas. Luta pela vitória. Vive, vigia, sofre e combate na lama, no pó e no sangue, tiritada sem abrigo (...). Dará o último sopro generoso para salvaguardar a Civilização Cristã e a Ocidental. (p. 146-147)

Não querendo entrar na discussão da problemática da guerra colonial parece, contudo, ser imperioso tecer alguns comentários acerca desta passagem de **Ombro, Arma!**. Assiste-se, deste modo, e, sobretudo, nesta pequena citação, a uma “explicação retórica, sem dúvida eufemística”²⁶, adoptada pelo poder português, após as Descobertas e a Expansão Ultramarina, e que parecia confundir “o povoamento, o poderio militar e o mercantilismo com uma operação ideológica - a dilatação da Fé e do Império” (p. 10).

Este romance possui, igualmente, a virtude de designar o “outro”, ou seja, o combatente africano, aquele que lutava pela independência do solo pátrio, embora com pincelada breve, num diálogo um pouco confuso, fruto de um trocadilho. Assim, em **Ombro, Arma!** - romance “iluminado”²⁷ - há, de facto, uma clarificação da consciência histórica, não sendo o homem que escreve aquele que esteve, um dia, hipoteticamente, do lado do agressor. Pressente-se uma ávida aproximação ao outro, ou seja, àquele que se situava do lado de lá e que era, então, conotado com o inimigo. Assim, e, na esteira de outros autores como Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco, Urbano Bettencourt, ou José Correia Tavares - relembre-se aqui a beleza do prefácio de João de Melo à 20 edição do livro **Três Natais**, defendendo a existência de uma geração da guerra colonial: “nova escrita de testemunho, tão cheia de uma recusa moral quanto o era a recusa física dos que a ela não foram ou, estando nela, nenhuma vontade tiveram para matar ou morrer”²⁸ -, o leitor sente que a ambição do abraço entre o “eu” e o “outro” é uma realidade:

Camaradas do PAIGC, da FRELIMO, do MPLA, quando o abraço múltiplo da vossa vitória nossa, da nossa vitória vossa? (p. 148)

²⁶ Cf. Prefácio de João de Melo, **Os Anos da Guerra**, org. de João de Melo, Lisboa, Círculo de Leitores, 1989, vol. I, p. 10.

²⁷ Cf. Joaquim Vieira, “A Guerra pela Frente” in **Os Anos da Guerra**, org. de João de Melo, Lisboa, Círculo de Leitores, 1988, vol.I, p. 25.

²⁸ Cf. Prefácio de João de Melo à obra **Três Natais**, Lisboa, Edição da ADFA - Castelo Branco no Natal do Ano Internacional do Deficiente, 2ª ed. (1ª ed. 1967), 1981.

A guerra é condenada “como obra do sistema” (p. 126). É nessa qualidade que deverá ser travada. Num país, onde “tudo (...) é pretérito”, num continente que assiste, impassível, à oratória barroca a flunar sobre úlceras mordentes: fome, exploração colonial e interna, cárceres, terror, um povo coagido” (p. 147), urge a mudança. E, de facto, a concepção deste romance parece apontar, na sua essência, para a urgência de uma luta inspirada na mudança, ou seja, num projecto novo que, historicamente, se viria a denominar como 25 de Abril. Contudo, e como afirma Rui Coutinho, “a componente ideológica, decerto acentuada para traduzir um clima que antecipou a revolução do 25 de Abril, situa e clarifica as situações sem jamais cair em esquematismos esterilizadores”²⁹.

A ESPERANÇA DA ANIQUILAÇÃO

Numa conversa travada entre Rogério e Clara o presente e o futuro do país são delineados, como se de uma premonição se tratasse:

Não derrubaremos o fascismo, nas presentes condições, sem a participação, directa ou indirecta, dos quartéis. (p. 60)

As alusões aos “idos tempos de Salazar” e ao falhanço da “demagogia liberalizadora” reforçam a ideia de que a localização temporal do romance se situa nos inícios dos anos 70, como, aliás, já foi referido. Nesta altura, para a nação portuguesa, o Estado era comparado a uma “máquina podre” (p. 94), onde, a todos os níveis, se instalara a corrupção, tendo, desse modo, o fascismo “os dias contados” (p. 59). Como salienta Urbano Tavares Rodrigues, assiste-se a “Todos os truques e meios para driblar o autoritarismo, a brutalidade dos agentes e serventúrios do poder fascista”³⁰. Não se pode esquecer que, nesta obra, o contexto histórico da luta é tão importante como o aspecto universal da resistência à morte. Rogério apercebe-se de que a organização da resistência precisa de definir bem o objectivo da luta para poder concluir que, para destruir a máquina da guerra, é essencial ultrapassar as altas patentes, sendo necessário “formular um programa de acção que forje unidade entre os resistentes, que promova esclarecimento e que crie organização.” (p. 72). E, uma vez em marcha o programa, os resistentes sentem a necessidade de despertar continuamente esse

²⁹ Cf. Rui Coutinho, “*Ombro, Arma!* de José Manuel Mendes” in *Diário de Lisboa*, 25 de Setembro de 1986.

³⁰ Cf. Urbano Tavares Rodrigues, “Sobre *Ombro, Arma!*” in *Colóquio Letras*, nº 101, Janeiro-Fevereiro, 1988, p. 121.

sentido crítico, trocando impressões, estudando soluções, amadurecendo ideias, pondo em causa as situações e os problemas que vão surgindo. Como se afirma: “ninguém deve ter o monopólio de sugestões” (p. 74). O espírito crítico é, de facto, muito importante, na medida em que facilita a avaliação do próprio processo e da condução da resistência. No país de então “a luta das massas cresce, estrutura-se. As greves, as paralisações, os movimentos de protesto contra a carestia de vida, a denúncia da Guerra Colonial, são sinais de viragem” (p. 83).

A luta, em **Ombro, Arma!** processa-se através de um outro meio, que até este momento não foi mencionado: a arte. José Manuel Mendes, romancista, poeta, mas também crítico, interroga-se, na escrita, do papel da própria escrita para uma futura transformação das condições existentes. Neste romance, na óptica de Gregory MacNab, o autor “usa o cenário da caserna de Mafra para nos mostrar como a estagnação da vida regimentada e a repressão autoritária da vida militar podem ser subvertidas e vencidas pelo entusiasmo vital do ser humano e pela força criadora da arte”³¹. Através de uma galeria de personagens com um estatuto concreto, fruto de uma caracterização abundante, com os seus tiques, convicções, apetências, sonhos e desencantos por resolver, há uma figura paradigmática - projecção do próprio autor? - que tenta demonstrar o papel transformador da arte literária: Eduardo Gonçalves. À semelhança de José Manuel Mendes que defende a ideia da parcialidade do juízo crítico - “Um crítico nunca é imparcial. Eu não sou. O crítico tem as suas opções, uma teoria, um modo de participar no universo de lutas do homem, e, portanto, no mundo literário. Não renuncio, pois, a tomar partido”³² -, também Eduardo Gonçalves é apologista de uma postura empenhada no modo de encarar o papel da literatura. Em **Ombro, Arma!**, há passagens onde crítico, romancista e poeta se entrelaçam numa dança deveras curiosa. Senão revisitem-se as seguintes passagens de **Por uma Literatura de Combate**

Nunca aceitei a arte ao serviço da opressão e do capitalismo³³.

Oponho-me a todas as piruetas verbais, a tudo o que, sendo pesquisa do novo, não passe pelo homem. Porque nada é tão novo como ele. E porque nada o substituí³⁴.

³¹ Cf. Gregory MacNab, “Consciencialização e Resistência em *Ombro, Arma!*” in *Seara Nova*, nº 9, Dezembro 1986 - Janeiro 1987, p. 37.

³² Cf. José Manuel Mendes, *Por Uma Literatura de Combate*, Amadora, Livraria Bertrand, 1975, p. 11.

³³ Cf. *Idem, ibidem*.

³⁴ Cf. *Idem, ibidem*.

Confronte-se, agora, a opinião do narrador em **Ombro, Arma!** acerca da personagem Eduardo Gonçalves: “Ele escreve, como tantos outros, para transformar o destino de todos e de cada um. Por um compromisso com os injustiçados, uma lógica inadulterável de combate” (p. 50). Para José Manuel Mendes, considerado por muitos críticos como um dos herdeiros do neo-realismo português, “a forma literária terá sempre como tarefa comprometer-se, transformadora e criativamente, com a sociedade do seu tempo”, transformando-se num “depoimento situado e actuante”³⁵.

Sem nunca desprezar o lado formal da “obra de arte”, o Autor pensa que “a fidelidade a uma ideologia implica uma mutação temática consoante vão sendo novos os objectos que se revelam à consciência geral. O escritor terá de pulsar dialecticamente com o seu tempo, sob pena de se dissociar da realidade”³⁶. Em **Ombro, Arma!**, verifica-se uma preocupação em demonstrar não só realidade ambicionada, que, no fundo, ainda não passara ao plano do real, como, igualmente, o reverso da medalha, isto é, aquela realidade literária, essa, no domínio do real, que deveria ser, a todo o custo, aniquilada:

Os nacional-versejadores e romancistas, de extrema direita ou flanando um estalado verniz democrático, preferem gloriar a abulia passadista, abastecer saraus galantes com castelos roqueiros e mimosos, destilar a água chilra do subjectivismo como um fim. (...) Que será de vós, passados milhafres emplumados, que será, metafísicos lenhadores do eu, fugindo do povo como o diabo da cruz, na hora do appear dos ídolos? Mortos no tempo, o futuro não terá para vós um grão de orvalho, uns olhos complacentes. (p. 50)

Esta ideia, contida na passagem anteriormente referida, é retomada por José Manuel Mendes, em termos muito semelhantes, na sua obra de ensaios críticos:

Que farão, ou pensarão fazer, esses senhores do formalismo burguês na nova sociedade do país, na hora da construção duma democracia socialista, dum destino para o homem de hoje e de amanhã - o homem de sempre, que vai se fazendo?³⁷

A arte de José Manuel Mendes deriva de um modo de estar no mundo, de o analisar de uma forma crítica e clarividente, contextualizando os factos narrados num panorama mais amplo, para daí extrair as sínteses nucleares daquilo que se propôs delinear: “a denúncia e a proposta, o real vivido e o real que se quer

³⁵ Cf. Chama-se a atenção para esta expressão ter sido utilizada por José Manuel Mendes para definir a poética de Alves Redol no artigo “Conspecto Geral da Obra de Alves Redol”, *ibidem*, p. 144.

³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 153.

³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 11.

viver, a sociedade que está e a que se promove em dignidade e amor”³⁸. Encontra-se, mais uma vez, a noção de espírito universal que preside a realização da obra literária, segundo a noção apresentada por Borges.

Há, em José Manuel Mendes, e, segundo Manuel Alegre, “uma constante procura e uma permanente interrogação da escrita sobre a própria escrita”³⁹. De facto, em **Ombro, Arma!**, é a personagem Eduardo Gonçalves o centro da atenção do narrador, quando se interroga acerca do processo de criação da obra literária. Eduardo Gonçalves “produzia com método e pertinácia. Laborava, pacientemente, cada frase e evento narrativo ou sugestão formal, até à limpidez - briga viril do pensador, do artista exímio, com as exigências da estética.” (p. 109). A escrita é encarada por esta personagem como um trabalho de artesão que, lenta e amorosamente, talha a sua frase até conseguir atingir a depuração de todos os elementos acessórios, brilhando, finalmente, a pureza da forma. José Manuel Mendes, incansável, tentou, igualmente, adoptar uma forma sóbria, não obstante ser possível vislumbrar-se um trabalho firme e calculado, nomeadamente no modo como utiliza amplos recursos técnicos e estilísticos, bem como no modo como apresenta o(s) seu(s) narrador(es), ou ainda na maneira hábil como estabelece mudanças de ritmo, rápida comutação de imagens e, finalmente, a mestria com que retoma diversos diálogos de atmosferas completamente opostas. A função da escrita é, de igual forma, abordada após a leitura do conto, espelhando, mais uma vez, a opinião do Autor acerca da relação entre literatura e ideologia. No nosso ponto de vista, após a leitura do romance, sente-se que em **Ombro, Arma!** a ideologia está ao serviço da literatura, mas esta não está subjugada aos objectivos ideológicos. Desse modo, são as próprias personagens que afirmam: “um conto não é um manifesto, pá.” (p. 74); “Por tal andar, negar à arte qualquer autonomia será apenas um instrumento de política.” (p. 75). E é por esse motivo que o conto, espelho da situação de um povo subjugado e amordaçado, não obteve o entusiasmo da assistência. O seu carácter, excessivamente panfletário, origina críticas contundentes e foi posto de lado. Como afirmara Marx, “o objecto da arte - como qualquer outro produto - cria um pblico sensível à arte, capaz de fruir a beleza. A produção não se limita a criar um objecto para o sujeito: cria também um sujeito para o objecto”⁴⁰. Numa época de dilemas, de dúvidas e de inconsistências, a leitura poderá ser um dos mais fortes agentes de transformação

³⁸ Cf. Esta passagem está contida no Prefácio realizado por José Manuel Mendes à obra **Homenagem**, de Altino M. do Tojal, *ibidem*, p. 89.

³⁹ Cf. Manuel Alegre “Uma Poética do Amor” in **Letras e Letras**, nº 103, Ano VII, Dezembro de 1993, p. 9.

⁴⁰ Cf. cit. em **Por Uma Literatura de Combate**, de José Manuel Mendes, Amadora, Livraria Bertrand, 1975, p. 13.

das mentalidades, até então conservadas à custa da expressão censória. A transformação era necessária, mas para isso exigia a informação, o conhecimento e a vontade de acção.

PORTUGAL. QUE FUTURO?

Num presente (anos 70) que coloca em causa esse mesmo presente fruto de um passado que fracassou, - na óptica de uma geração, representada em **Ombro, Arma!** -, num tempo em que se questiona a política interna portuguesa, bem como a sua vocação expansionista secular; no momento em que se revela o lado “não oficial” dessa mesma colonização, sentimos, com a leitura deste romance, que o futuro de Portugal será, exclusivamente, o fruto da estratégia/estratégias de um percurso delineado por todos os Rogérios, pelos seus amigos, e por toda uma população ávida de confiança nas potencialidades do ser humano. Portugal, na óptica de muitos, viveu de Eldorados durante quase todo o século XX. Começou pelo Brasil, acabou em França. Entre ambos, durante um intervalo, Angola foi a terra da grande promessa. Caído o véu, o desencanto, para muitos, instaurouse.

O futuro, em **Ombro, Arma!**, só é possível com o dia da Revolução. Sendo assim, “esse dia não tarda, fitem estes jovens de rosto claro, uma claridade limpa vai nascer. Indómita e justiceira.” (p. 148). Rogério e demais resistentes “obreiros da rebeldia, conscientes e determinados. Certos da vitória, num futuro cuja silhueta se delineava sobre a ditadura.” (p. 151). Em **Ombro, Arma!** o odor a maresia e a presença da água - sob a forma de mar, de rio, de um charco ou ainda de uma lagoa lodosa - são uma constante, desafiando o leitor para um leque de sensibilidades interpretativas. Na verdade, “há mais leituras possíveis consoante a argúcia e sensibilidade do leitor. A cada qual sua faixa interpretativa”⁴¹, o que se inscreve, diríamos nós, dentro de um princípio de liberdade indispensável à recepção e descodificação da obra literária, inscrita no âmbito de uma determinada poética. No nosso ponto de vista, não é possível definir, com precisão, toda a simbologia inerente à água, elemento que percorre e transforma os episódios em que circula, devido ao conjunto de revelações segredadas desde tempos imemoriais.

Neste texto, há uma dialéctica entre a vida e a morte. A morte prefigurada numa lagoa escura e aterradora, símbolo de um Portugal adormecido, imóvel, silencioso, nocturno e culpabilizado, que exercita os seus recrutas com movimentações nocturnas para melhor os preparar para o seu futuro mais certo:

⁴¹ Cf. José Correia Martins Garcia, “Explicação Talvez Desnecessária” in **Morrer Devagar**, Lisboa, Arcádia, 1979.

a guerra. Deste modo, era na lagoa que “morava, águas ludras picadas pela luz da pilha do Tenente, um estridor coado pelo murmurar da chuva. Ia principiar a travessia. Os nervos que cegavam um nó no peito enquanto uma sombra secreta, como gaze imponderável, descia para os olhos - lodo e pânico numa noite indiferente ao bramido humano.” (p. 89), Para Rogério e seus companheiros de travessia, a água da lagoa despertava-lhes um sentimento de “*mélancolie devant les eaux dourmantes, une mélancolie très spéciale qui a la couleur d’une mare dans une forêt humide, une mélancolie sans oppression, songeuse, lente, calme*”⁴². Contudo, essa calma aparente poderia anunciar uma morte súbita dado que “contava-se, tinham morrido instruendos em cursos anteriores (...). O lodo, os pés atascados no lodo como num pântano, água pelos joelhos ou pela cintura”, aterrava os homens, submergidados num silêncio mais escuro do que a própria noite, “bela noite de inverno”, com o vento a gritar palavras de obediência militar, originando, nos recrutas, a saudade de épocas passadas, aqueles doces tempos da infância em que o tempo vive suspenso e as palavras são ternas. A simbologia de Caronte ou o complexo de Ofélia estão presentes no ambiente aquático e lodoso de **Ombro, Arma!**. Nesta travessia nocturna está presente a “*syntaxe de la vie, de la mort et de l’eau*”⁴³, visto que, no entender de Bachelard, “*disparaître dans l’eau profonde ou disparaître dans un horizon lointain, s’associer à la profondeur ou à l’infinité, tel est le destin humain qui prend son image dans le destin des eaux*”⁴⁴. Os homens apercebem-se de que aquela noite “povoada de presságios” poderia ser fatal, bastando apenas “um movimento em falso e o corpo jogado, de barco, para o dédalo dos nervos e do pânico” (p. 87). Sente-se a água, mais uma vez, aliada ao nocturno e ao desconhecido, porque “*l’eau est nocturne. Près d’elle toute incline à la mort. L’eau communique avec toutes les puissances de la nuit et de la mort*”⁴⁵. A lagoa, de águas adormecidas que teimam em não despertar, “*est le symbole de ce sommeil total, de ce sommeil dont on ne veut pas se réveiller*”⁴⁶, uma vez que o silêncio, “*signe de mort*”⁴⁷, paira no ar e os remorsos de um Portugal presente assolam a mente de alguns recrutas, “*car ce qui parle au fond des êtres, du fond des êtres, ce qui parle dans le sein des eaux, c’est la voix d’un remords*”⁴⁸. Numa noite encantada, de um ponto de vista disfórico, sente-se o tempo praticamente suspenso, como a vivência daquele soldado que, enviando más novas das terras de África,

⁴² Cf. Gaston Bachelard, *L’Eau et la Rêve*, Paris, José Conti, 1942, p. 10.

⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 18.

⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*.

⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123.

⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 91.

⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 92.

⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 94.

desabafa que “aqui pára o tempo, como num charco. Aqui se enfia a vida num parêntesis.” (p. 97). Contudo, a mensagem é de esperança e, por esse mesmo motivo, não é o odor tépido e adormecido que prevalece em **Ombro, Arma!**, mas, sim, o aroma a maresia, símbolo de um Portugal a descobrir e a renascer.

Sente-se, em todo o romance, um apelo do mar, lugar sagrado da imensidão purificadora, berço de culpas antigas mas, também, fonte de esperança renovada: “L’eau est une matière qu’on voit partout naître et croître [dont] source est une naissance irrésistible, une naissance continue”⁴⁹. E tal como o pensamento e a confiança no futuro, o mar é, em **Ombro, Arma!**, um símbolo da pureza que serpenteia por toda uma “corrente solidária”: “l’eau accueille toutes les images de la pureté”⁵⁰. O mar é um ser total, dotado de odor e de uma sonoridade encantatória, mito eterno e precursor de liberdades entrevistas. Como sussurra Bachelard, “l’eau nous apparaîtra comme un être total: elle à un corps, une âme, et une voix”⁵¹. Lisboa possuía “como em anteriores quadras bonançosas, um estimulante odor a mar” (p. 144). De igual modo, na Ericeira podia-se “respirar maresia. Lubrifica os pulmões, lava os sentidos o andarilhar à beira-oceano” (p. 144). É interessante observar como as descrições e as personagens que detêm um cunho marcadamente eufórico estão intimamente associadas ao mar, à “serenidade marítima e orvalhada” (p. 61), pura, mas, simultaneamente, sensual “com cores rubras do desejo. São quentes como um verão à beira-mar.” (p. 65). Paula possui “olhos com salinas mordentes” (p. 21); Clara, essa outra “estrela com cheiro a sal” (p. 56), senta-se vagarosamente numa “esplanada de ventos” (p. 56), abrigada num “casaco azul - no bolso, sobre o seio rijo um motivo náutico - sombreia-lhe a saia branca” (p. 56); os hálitos dos amantes, Rogério e Clara, unem-se “marulhando”, e é o vento, tal como o Luís, que anda por todo o lado e sempre regressa, que transporta “o apelo da maresia, das rotinas melancólicas, dos difusos lances parentes da fantasia” (p. 75). **Ombro, Arma!** possui uma originalidade interessante no que diz respeito à simbologia do mar, representante da dinâmica da vida e da esperança uma vez que “tout sort de la mer et tout y retourne: lieu de naissances, de transformations et de renaissances”⁵². Após leitura deste romance, o leitor sente que Portugal atingiu novas paragens, e, novamente, as procurará, desta feita, isento de culpa e ambição. O país de **Ombro, Arma!** busca a liberdade, para não se confundir com aquela “ave de terra” que acabou por “esbarrar com a fronteira da maresia, forte e salitrada” (p. 54). O mar, símbolo da água em movimento, pode,

⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 20.

⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*.

⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 22-23.

⁵² Cf. Marian Berlewi, *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Éditions Seghers et Éditions Jupiter, 1974, pp. 202-203.

igualmente, espelhar “un état transitoire entre les possibles encore informels et les réalités formelles, une situation d’ambivalence, qui est celle de l’incertitude, du doute, de l’indécision et qui peut se conclure bien ou mal”⁵³. O autor, através de uma “caminhada de criação e luta admirável”⁵⁴, ambicionou corporizar um velho sonho: o de acordar cedo “os astros que preludiam a manhã” (p. 95).

Ombro, Arma! é um documento sobre a luta de “uma mocidade que recusa a guerra colonial e aspira à transformação profunda do país”⁵⁵; mas não só. Identifica-se, igualmente, com a promessa da existência de sentimentos como a amizade e o amor, realçando a importância da palavra escrita. Retornemos à companhia de Rogério que “olhava o mar. Imenso azul. Multiplicando mãos de espuma sobre os rochedos. Ao longe, céu e água num grito de cor [ou de dor?], a fogueira do crepúsculo” (p. 20). Qual seria a cor do seu pensamento? Que passados atravessariam a sua mente, preocupada com os futuros incertos? Qual era a nota musical que prevalecia? Rogério, esse imenso companheiro da vida, pretendia conhecer os homens, conhecendo-se a si próprio, numa perpétua e incansável busca da liberdade, no mundo da arte e no mundo da realidade.

⁵³ Cf. *Idem, ibidem*.

⁵⁴ Cf. Jorge Amado, “Uma Caminhada de Criação e Luta, Admirável” in *Letras e Letras*, nº 103, Ano VII, Dezembro de 1993, p. 28.

⁵⁵ Cf. Prefácio de Urbano Tavares Rodrigues “*Ombro, Arma!*, ou o Anti-Soldado da Defunta Era Fascista”, à obra *Ombro, Arma!*, de José Manuel Mendes, Lisboa, Publicações Europa-América, 2ª ed. (1ª ed. 1978), 1986.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *L'Eau et le Rêve*, Paris, José Conti, 1942.
- BERLEWI, Marian. *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Éd. Seghers et Éd. Jupiter, 1974.
- BESSE, Maria Graciete. "O Ritual Militar enquanto Percurso de Iniciação em *Ombro, Arma!*" in *O Diário*, 18 Fevereiro, 1989.
- COUTINHO, Rui. "*Ombro, Arma!* de José Manuel Mendes" in *Diário de Lisboa*, 25 Setembro de 1986.
- GARCIA, José Martins. *Morrer Devagar*, Lisboa, Arcádia, 1979.
- GOMES, R.V. "Dois Livros Portugueses em Destaque" in *Tempo*, 9 Outubro de 1986.
- LIMA, Isabel Pires de. "*Ombro, Arma!* ou Uma Corrente Solidária" in *Letras e Letras*.
- MACNAB, Gregory. "Consciencialização e Resistência em *Ombro, Arma!*" in *Seara Nova*, nº 9, Dezembro 1986 - Janeiro 1987.
- MELO, João de (org. de). *Os Anos da Guerra*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2 vols., 1988.
- MENDES, José Manuel. *Ombro, Arma!* Lisboa, Publicações Europa-América, 2ª ed. (1ª ed. 1978), 1986.
- MENDES, José Manuel. *Por Uma Literatura de Combate*, Amadora, Livraria Bertrand, 1975.
- RAIMUNDO, Orlando. "Literatura Antimilitarista Conquista Leitor em Portugal" in *Diário Popular*, 31 Outubro de 1986.
- RIBEIRO, António Sousa. "Configurações do Campo Intelectual Português no Pós-25 de Abril: o Campo Literário" in *Portugal: Um Retrato Singular*, (org. de) Boaventura Sousa Santos, Porto, Edições Afrontamento, 1993.
- RODRIGUES, Urbano Tavares. "Sobre *Ombro, Arma!*" in *Colóquio Letras*, nº 101, Janeiro - Fevereiro de 1988.
- TAVARES, José Correia. *Três Natais*, Lisboa, Edição da ADFA - Castelo Branco, no Natal do Ano Internacional do Deficiente, 2ª ed. (1ª ed. 1967), 1981.
- Letras e Letras*, nº 103, Dossier dedicado a José Manuel Mendes, Ano VII, Dezembro de 1993.
- Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de 15 a 21 de Setembro de 1986.